



O Eurogrupo auto-institucionalizou-se. Opera numa órbita de excesso de poder sem enquadramento. Não podemos ceder ao ‘nós queremos lá o Centeno’.



O que é que podia ter sido feito de forma diferente?

Acho que os EUA, e é a crítica que faço à administração Obama, deviam ter estado no centro da crise da Zona Euro. Não estiveram nem quiseram estar.

Estiveram no final do último mandato presidencial, com Obama a corroborar as propostas de Renzi.

E não só. O secretário do Tesouro, Jack Lew, fez inúmeras declarações de solidariedade com o ângulo grego, com a forma como os gregos queriam mais tempo, mais flexibilidade. Era a única forma de lidar com a posição mais dura da Alemanha, da Holanda, da Finlândia. Agora há uma crítica aos excedentes alemães, e a cimeira entre Macron e [Donald] Trump também é por causa disso. A pressão vinda de Washington valerá o que vale, mas permite a Macron dizer “eu não es-

tou sozinho nessa crítica, nem me apoio em pequenos países europeus, tenho aqui os EUA”.

Macron quer usar Trump para equilibrar a relação entre Paris e Berlim?

É um jogo político porque França quer estabelecer um eixo construtivo com a Alemanha, mas quer também equilibrar esse eixo, sobretudo diminuindo a força comercial alemã, que no caso da Zona Euro se reflecte na política germânica. Este jogo de amores e paixões políticas é um jogo de fachada.

Neste momento de estabilização, é necessária alguma contenção nas críticas ou não?

É possível fazer muitas críticas à UE, à gestão da Comissão Europeia, ao perfil dos políticos, às declarações que se fazem de tensão e de acusações mútuas, sem passar o limite do caos, da implosão das instituições, das

saídas. Esse foi o limite ultrapassado com o referendo do Brexit.

O que é que representa a saída britânica da União?

Havia um equilibrador dos países não-euro que era o Reino Unido e agora vai deixar de haver. O Reino Unido deu um tiro no pé e vai deixar de ter participação no processo de decisão europeu. Tentará encontrar alianças com os países escandinavos, os Estados Unidos, a Índia. Aquelas ficções britânicas, ou mais particularmente inglesas, de que há uma alternativa à altura. Não há. Além disso, Londres perde influência política numa geografia que lhes diz directamente respeito.

A negociação do Brexit está numa espécie de impasse. Muitos países apostam em negociações bilaterais. Não devia ser Bruxelas a coordenar?